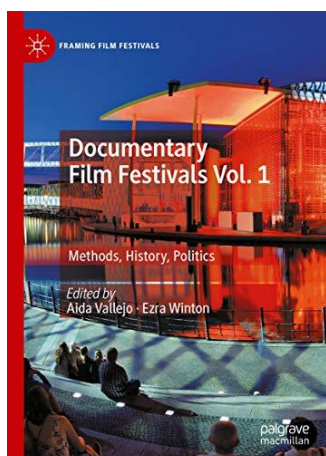




**Festivais de documentário em perspectiva sociohistórica:
resenha de *Documentary Film Festival v.1. (2020)*, organizado
por Aida Vallejo e Ezra Wilton**

Bianca Salles Pires¹

Juliana Muylaert Mager²



Resenha

VALLEJO, Aida; WILTON, Ezra (ed.). *Documentary Film Festival v.1: Methods, History, Politics*. Framing Film Festivals Book Series. Switzerland: Palgrave MacMillan, 2020.

¹ Bianca Salles Pires: Investigadora posdoctoral no Posgrado en Ciencias Antropológicas da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM-I), Estancia Posdoctorales por México – Modalidad Académica, Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (Conacyt, México). Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ); Mestre em Sociologia, Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF). Integra o Grupo de Pesquisa “Festivais de cinema e audiovisual: histórias, políticas e práticas” (CNPq, Brasil); a *Red de Investigación en Antropología Audiovisual* (RIAA, México/Brasil) e a *Red de Investigación sobre Documentales* (Redoc, América Latina).

Email: bianca.salles.pires@gmail.com

² Juliana Muylaert Mager: Pós-doutoranda no Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). É Mestre e Doutora em História pelo Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF). É uma das fundadoras do Grupo de Pesquisa “Festivais de cinema e audiovisual: histórias, políticas e práticas” (CNPq, Brasil). Integra a *Red de Investigación sobre Documentales* (Redoc, América Latina) e participa da Rede Brasileira de História Pública.

Email: jumuylaert@gmail.com

**Resumo**

O primeiro volume da obra *Documentary Film Festivals: Methods, History, Politics* (2020), editado por Aida Vallejo e Ezra Wilton, recém-publicado na coleção *Framing Film Festivals*, se divide em três sessões. Cada uma conta com um conjunto de textos de diferentes autores, abrangendo uma diversidade de questões no estudo dos festivais de cinema documentário: a importância do arquivamento e armazenamento da documentação dos eventos; histórias e trajetórias desses festivais; relações entre políticas, ativismo e festivais.

Palavras-chaves: Festivais de cinema; Documentário; Metodologias; História.

Abstract

The first volume of *Documentary Film Festivals: Methods, History, Politics* (2020), edited by Aida Vallejo and Ezra Winton, recently published in the *Framing Film Festival* series, is divided in three parts. Each of these sessions presents contributions by different authors, covering a range of topics in the study of documentary film festivals: the importance of archiving and preserving events' data; events' histories and trajectories; relations between politics, activism, and festivals.

Keywords: Film Festivals; Documentary; Methodologies; History.



Recentemente publicado, *Documentary Film Festivals* (2020), livro organizado por Aida Vallejo e Ezra Winton, vem preencher uma lacuna na crescente bibliografia sobre eventos audiovisuais, com dois volumes dedicados aos festivais de documentário para a coleção *Framing Film Festivals*. Nesta resenha nos dedicamos a discutir o primeiro volume da obra: *Methods, History, Politics*.

Já na introdução, os editores situam o livro na interseção de dois campos de estudos: as pesquisas sobre cinema documentário e os *Film Festival Studies* (2020: 2). O conceito proposto por Vallejo e Winton invoca tanto uma definição de documentário, apoiada nas reflexões de Bill Nichols – autor entrevistado pelos editores para o volume –, como na noção de festivais cinematográficos, definindo “festivais de documentário como eventos de indústria ou público dedicados à curadoria e exibição do gênero ou modo cinematográfico conhecido como documentário, que se diferenciam de eventos especializados em outros gêneros e práticas cinematográficas, como ficção e animação” (2020: 8, Tradução nossa). O leitor da obra poderá observar como as características específicas aos festivais de documentário tanto impactam a experiência dos eventos e sua recepção, como conferem desafios e questões próprias aos pesquisadores que deles se aproximam.

Dividido em três sessões compostas por textos de diferentes autores, o primeiro volume apresenta resultados de pesquisas realizadas a partir de eventos asiáticos, europeus e norte-americanos (Canadá e Estados Unidos), trazendo uma diversidade no olhar e nas experiências de investigação em festivais de documentários. Podemos analisar os quatorze capítulos da obra, incluindo as introduções, a partir de quatro grandes eixos temáticos, que abordam questões interessantes ao campo de estudo. São eles: as metodologias de investigação e os arquivos; os festivais e sua importância para a história cultural; o papel sociopolítico dos eventos; e a importância da exibição e circulação dos filmes documentários, pensada a partir do direito à diversidade cultural.

As questões próprias das maneiras de investigar festivais de cinema documentário perpassam todos os capítulos do volume, nos quais os autores utilizam para construir suas análises: fontes provenientes de arquivos públicos e privados, relatos de história de vida, entrevistas, e estudos etnográficos. No entanto, a primeira sessão, *Research and Methods*, é dedicada exclusivamente a pensar os modos de pesquisar os festivais e as dificuldades próprias em se tratando de eventos exclusivos de documentários. Vallejo³ pontua que estes últimos tendem a ser menores, contando com escassos recursos, assumindo muitas vezes um caráter militante e improvisado. Esses fatores interferem diretamente no tamanho da equipe fixa para produção,

³ “Researching Documentary Film Festivals”



provocando discontinuidades que influenciam tanto no trabalho realizado a cada edição, como na sistematização de registros das atividades. Ao refletir sobre os debates de cunho metodológicos ocorridos nos workshops da rede de pesquisadores (*Film Festival Research Workshops*), desde 2009, Skadi Loist⁴ argumenta que a falta de arquivos apropriados gera dificuldades para as investigações de cunho histórico.

Traçando uma alternativa a esse último ponto, o texto de Heather L. Barnes⁵ defende uma aproximação entre festivais e universidades, a partir do exemplo positivo de colaboração entre a *Duke University* e o *Full Frame Documentary Film Festival*, nos Estados Unidos. Outro caminho proposto por Vallejo seria a criação de “um protocolo para submissão das obras que inclua a opção de disponibilizar os filmes para fins de pesquisa” (2020: 36, Tradução nossa), formalização que regulamentaria o acesso de investigadores aos arquivos audiovisuais de festivais. Como alternativa, as autoras da seção sugerem que as impermanências e imprecisões devem ser superadas a partir da sobreposição de técnicas de pesquisa, incluindo, além dos arquivos, relatos dos organizadores, histórias de vida e/ou observação participante nos eventos.

O segundo eixo analítico é um debate sobre o papel e a importância dos festivais audiovisuais na história da cultura, tema presente nos quatro capítulos que compõem a Parte II – *Histories and Origins*. Nesses textos, os autores articulam conceitos como memória, trajetórias e história, relacionando as dimensões temporais com os aspectos geopolíticos em diferentes contextos – não por coincidência os eventos estudados em três capítulos da seção carregam em seu nome a localidade em que se encontram: Jugoslavia, Nyon e Yamagata.

No capítulo introdutório da seção, Vallejo⁶ investiga os caminhos do documentário tanto nos eventos generalistas desde os anos 1930, como nos festivais de documentário a partir dos anos 1940, realizando uma reflexão crítica sobre os cânones do cinema e afirmando o potencial das pesquisas sobre festivais para uma melhor compreensão da História e da historiografia do documentário. Em sintonia com esta perspectiva, os outros trabalhos apresentam estudos de caso que articulam a trajetória individual dos eventos à “História” (p. 74). Jelenkovic⁷ observa as relações entre a memória cultural e as práticas de programação do *Yugoslav Documentary and Short Film Festival* ao longo das cinco décadas de 1954 a 2004. Jungen busca retrair a história do festival de Nyon recuperando a primeira fase do evento na década de 1960

⁴ “Film Festival Research Workshops: Debates on Methodology”.

⁵ “The Data-Driven Festival: Recordkeeping and Archival Practices”.

⁶ “The Rise of Documentary Festivals: a historical approach”

⁷ “The Film Festival as a Vehicle for Memory Officialization: The Afterlife of WWII in the Yugoslav Documentary and Short Film Festival, 1954–2004”.



e sua relação com um documentário mais político. Por sua vez, Niskanen⁸, debate as relações geopolíticas e suas assimetrias a partir do estudo de caso do festival de Yamagata, criado em 1989 no Japão.

A partir do conceito de memória cultural, Jelenkovic defende que o festival iugoslavo deve ser analisado como “um espaço profícuo para o entendimento da complexa história política da Iugoslávia e as transformações das políticas estatais de memória” (2020: 117, Tradução nossa). O trabalho busca mostrar como um festival pode servir como instrumento da construção de uma memória cultural oficial, afirmando as possibilidades do estudo dos festivais para a compreensão das dinâmicas de poder nas sociedades contemporâneas.

A relação entre os festivais e a história política também se faz presente no texto de Jungen⁹ sobre o festival de Nyon – evento que figura entre os mais influentes da atualidade no âmbito do documentário. Recuperando o período de Moritz de Halden à frente do evento e seu perfil político, o autor traz à luz uma história pouco conhecida pelo público, ocultada pelas disputas no controle da direção do festival desde o final dos anos 1970, mas também pela não publicidade da documentação desse período, que ficou durante décadas em arquivos privados.

Ao longo de seu capítulo sobre Yamagata, Niskanen busca evidenciar como o evento se tornou relevante no cenário internacional, enfatizando o papel da competição internacional de filmes de longa-metragem nesse processo; e a importância regional do festival na Ásia, enquanto espaço de reunião de profissionais e vitrine de exibição das obras da região para audiências internacionais. A ideia do festival como “ponte” entre o Japão, a Ásia e o mundo revela as assimetrias existentes na circulação das obras no ecossistema de eventos audiovisuais, expondo as relações e tensões entre o local, o regional e o global.

Esse último ponto parece fundamental e é explicitado em outros textos da obra, perpassando as análises dos capítulos dedicados aos eventos no continente asiáticos que compõem a Parte III do livro, *Politics and Policies*. Aqui, o terceiro eixo proposto para a análise ganha foco, evidenciando as relações sociopolíticas presentes nos festivais. Tit Leung Cheung¹⁰ analisa o DOChina, promovido em Pequim desde 2003; Giulia Battaglia¹¹ se dedica a refletir sobre o movimento empreendido pela comunidade de documentaristas indianos, na articulação por ela denominada “festival-protesto”, materializada como a edição do *Vikalp - Films for Freedom*, em março de 2004. Os dois

⁸ “Finding a Position on the Global Map of Film Festivals: The Yamagata International Documentary Film Festival”

⁹ “Forging a Cultural Elite: Nyon and the Age of Festival Programmers”

¹⁰ “The Film Festival of Independent and Underground: The Case of DOChina”.

¹¹ “The Development of Documentary Film Festivals in India: A Small-Media Phenomenon”.



autores tensionam as relações estabelecidas entre os Estados Nacionais, a partir das ingerências nos financiamentos e censuras, o caráter contra-hegemônico presente nas experiências destes festivais.

Desde o exemplo chinês, Cheung analisa como os termos documentário independente ou *underground* qualificam as temáticas abordadas nas obras e expressam o acesso, ou não, ao financiamento público, considerando que na China todos os conteúdos financiados pelo Estado passam por crivagem de cunho político-ideológico. Cheung argumenta que mesmo em meio às muitas dificuldades para a realização das edições do DOChina, que no limite levaram à descontinuidade do evento em 2011, este esteve diretamente relacionado ao fortalecimento de um cinema independente chinês.

Na mesma linha interpretativa, Battaglia analisa a importância das comunicações online nas *small media* – lista de e-mails, fóruns – para a construção de uma comunidade de cineastas na Índia e sua atuação contra a intervenção da censura estatal na programação dos festivais cinematográficos do país. A autora cunha o termo festival-protesto para qualificar o movimento que gerou o *Vikalp - Films for Freedom*, com uma única edição, em 2004, promovendo exposições em distintas cidades indianas e alcançando enorme notoriedade internacional. A rede funcionou como um catalisador para a articulação de outras formas de promover a exibição de filmes em todo o país, que seguem vigentes.

Ezra Winton¹² também aborda o caráter sociopolítico dos festivais, sugerindo que estes são espaços-tempo com potencial para dar visibilidade aos conflitos e disputas presentes nas sociedades, e como possíveis detonadores de ações na arena política. Utilizando o *Toronto's Hot Docs* como exemplo, Winton analisa criticamente como as configurações contemporâneas de financiamento de documentários e eventos, em especial o papel ocupado pelas ONGs e grandes empresas, interferem no conteúdo programado e no ecossistema dos festivais de documentários. Isso porque a legitimação do *Hot Docs* no circuito internacional de festivais coincidiu com a adoção de uma programação mais próxima do *status quo*, caracterizada por menor espaço para documentários ativistas e politicamente engajados e pelo esvaziamento dos debates públicos de questões sociais.

O quarto e último eixo analítico vai ao encontro das abordagens que pensam os documentários como expressões audiovisuais das diversidades culturais. Nesse sentido, López-Gómez, Aida Vallejo, M^a Soliña Barreiro e Amanda Alencar¹³ analisam

¹² "Politics and Policies e "Mainstreaming Documentary and Activism at Toronto's Hot Docs Festival"

¹³ "Found in Translation: Film Festivals, Documentary and the Preservation of Linguistic Diversity"



os trabalhos realizados por alguns festivais de documentário – *Douarnenez Film Festival*, na Bretanha, França; *The Babel Film Festival*, na Sardenha, Itália; e eventos espanhóis nas regiões da Galícia, Países Bascos e Catalunha – para a exibição de versões originais, estimulando a pluralidade idiomática por meio da seleção e/ou adoção de legendas/traduições simultâneas em línguas ou dialetos minoritários. Esses eventos caminham na contramão do circuito de festivais, que segue o modelo hegemônico do sistema de distribuição de cinema, adotando o inglês como idioma de referência. Nesse sentido, as autoras assumem uma postura bastante propositiva, defendendo a importância da exibição das obras nos idiomas originais, evitando a dublagem, e argumentam que o acesso à diversidade temática e cultural deve ser garantido através de políticas públicas, condição básica para a criação de novos padrões de consumo cultural.

Esse último ponto levanta um importante debate em defesa dos festivais de documentário como espaços que contribuem para a manutenção de diversidades culturais e geográficas, e, ao mesmo tempo, promovem a circulação de obras para os públicos internacionais. Considerando o contexto das cinematografias latino-americanas, contudo, a permanência da distribuição como um entrave para o acesso aos filmes pelas audiências locais, particularmente fora dos contextos festivaleiros, pode ser colocada como questão para pensarmos os limites desse papel de democratização da cultura dos festivais audiovisuais. O texto de Niskanen lembra outro elemento limitador, a centralidade dos eventos europeus – e, podemos acrescentar, dos norte-americanos – nos circuitos festivaleiros e do documentário, realidade que também contribui para uma menor visibilidade de outros eventos periféricos.

Os estudos apresentados, sobretudo na segunda parte, levantam uma questão que nos parece relevante para a pesquisa de festivais em geral, mas sobretudo em perspectivas históricas: a importância de considerarmos as mudanças e transformações dos eventos ao longo do tempo, evitando observar o passado pelas lentes do presente. Por outro lado, a obra sinaliza o papel fundamental das políticas públicas, seja na promoção dos próprios eventos, na preservação de sua memória ou no enfrentamento aos desafios múltiplos para a democratização cultural.

Ao longo desse primeiro volume, os textos reunidos por Winton e Vallejo oferecem ao leitor um amplo painel, tanto em termos geográficos, quanto nos temas e conceitos abordados, ainda que valha assinalar a ausência de estudos de caso do continente africano, da Oceania e da América Central e/ou do Sul. O conjunto dos trabalhos destaca os festivais de documentário como importantes espaços públicos onde questões culturais, sociais e políticas são discutidas, obras audiovisuais podem ser apreciadas por distintos públicos, até mesmo rompendo cercos das censuras. Tudo

rebeca



Revista Brasileira
de Estudos de
Cinema
e Audiovisual

isso contribui para afirmar esses festivais como importantes pontos de encontro para a arena política ao longo da História.

Referência bibliográfica:

VALLEJO, Aida; WILTON, Ezra (ed.). *Documentary Film Festival v. 1: Methods, History, Politics*. Framing Film Festivals Book Series. Switzerland: Palgrave MacMillan, 2020.